



SER
PROFETA HOJE

Missionário claretiano, espanhol da Catalunha, nasceu às margens do rio Llobregat, em 1928. Filho de uma família católica que lhe deixou como herança o amor à terra, o dinamismo e a palavra, produto de uma vasta dinastia de comerciantes à qual pertencia sua mãe.

Presenciou e viveu a violência desatada na Espanha no ano 1936, que arrasava sem misericórdia todas as instituições religiosas da época. Isso, sem dúvida, influiria muito no que seria sua vida futura. Durante esta guerra fazia-se participante das fugas e escondidas de religiosos perseguidos, confissões em estábulos e galerias, celebração de missas ao estilo das catacumbas.

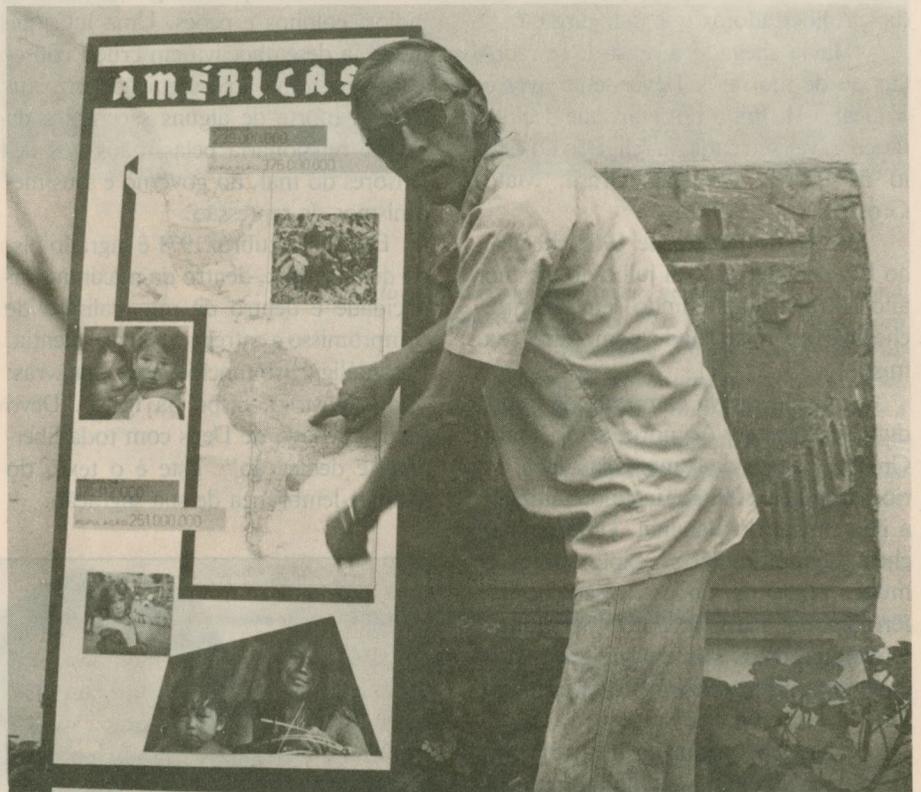
Já nos primeiros oito anos de sua vida começou a mostrar seu talento de poeta e escritor. Exemplo disso foram as "Memórias autobiográficas de um aspirante a jornalista" que deixavam vislumbrar o que seria seu grande privilégio e dom, a palavra escrita; palavra que pouco a pouco iria se transformando até se converter numa espada de denúncia e anúncio de um mundo melhor.

Todas as experiências dadas por uma guerra cruel, de perseguição religiosa, na qual alguns de seus familiares perderam a vida, foram ampliando os caminhos de busca por um Cristo justo descoberto no Evangelho; assim se despertou sua inquietude vocacional: ser sacerdote. Começou a formação sacerdotal em sua casa, estudando latim durante um ano com o pároco de sua cidade. No ano seguinte ingressou no seminário de Vich. Toda a guerra presenciada, as perseguições religiosas e as visitas ao sepulcro de

PEDRO CASALDÁLIGA

Pastor de uma igreja perseguida

Equipe Claretiana de Pastoral Vocacional -
Prov. de Colômbia Oriental e Equador.



D. Pedro aponta, no mapa, a região da diocese de S. Félix do Araguaia com 150.000 km², terra muito cobiçada pelo latifúndio nacional e internacional.

Santo Antonio Maria Claret despertaram-lhe a vertente última e decisiva de sua vocação sacerdotal: ser missionário.

Em 31/maio/1952 por ocasião do Congresso Eucarístico de Barcelona foi ordenado sacerdote. Seu itinerário pastoral começa em Sabadell, durante seis anos, em que dirige Cursilhos de Cristandade, escreve roteiros para programas de rádio e perfila sua pena como escritor ágil e ameno. Confundador em Sabadell da revista "Euforia" que, ao

cabo do 8º número, morreria "rebelde sem mancha e sem dinheiro".

De Sabadell é destinado a Barcelona, onde descobre mais profundamente uma comunidade incompatível, cheia de vícios e rancores, uma sociedade que massifica o homem. Ali continua com os Cursilhos de Cristandade, também escreve para um programa radiofônico que onze emissoras transmitem e que mais tarde originaria a publicação do livro "Nossa Senhora do Século XX".

Ainda em Barcelona, é chamado para dirigir na África, mais especificamente na Guiné Equatorial, os Cursilhos de Cristandade. Toda a experiência da África desperta em Pedro um amor profundo pelo terceiro mundo, os pobres da terra, essa igreja nascente que mais tarde se chamará "Igreja dos pobres".

Em 1964 é chamado a dirigir em Madrid a centenária revista cordimariana "El Iris de paz". Por esta época se desenvolvem as deliberações sobre o Concílio Vaticano II, que enche Pedro de alegria e esperança pelas possíveis mudanças libertadoras que dali surgirão.

"Havia chegado a hora de se renovar ou de morrer". Dever-se-ia viver o Vaticano II. Foi a hora em que decidiu desenvolver seu carisma religioso ao estilo de Claret. O lugar: Brasil, Mato Grosso.

Aos 26 de janeiro de 1968 chegava ao Rio de Janeiro e em julho do mesmo ano entrava num mundo sem retorno: chegava ao lugar onde começaria sua missão.

A missão estava composta de terras duras e florestas. Ao noroeste do Mato Grosso, dentro da Amazônia, entre os rios Araguaia e Xingu, incluída também a ilha fluvial do Bananal. Uma missão cheia de latifundiários exploradores e muitos posseiros, onde a miséria, a enfermidade e ainda a morte formam os lânguidos rostos daqueles indígenas, homens pobres e oprimidos: essa é a missão.

A vida que Casaldáliga leva no Mato Grosso é a vida mesma do povo do qual formam parte ele e sua equipe missionária, com os sofrimentos e as lutas; essa igreja que espera a libertação com fé em Cristo.

À chegada ao campo de missão, começou um detalhado estudo dos problemas da região com sua equipe missionária. Queria saber onde começar. Havia uma realidade: ninguém tinha terra própria, ninguém tinha futuro assegurado, todos os habitantes eram emigrantes de outras áreas do país já castigadas pelo latifúndio. Todos vinham do nordeste, do norte, em busca de terras sem dono, atravessando o Araguaia em busca da terra prometida.

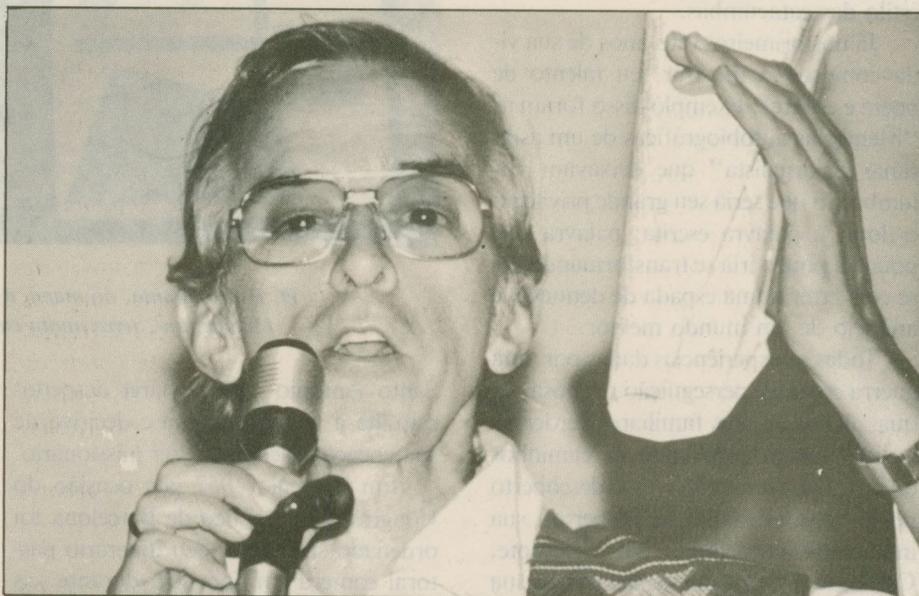
"Mato Grosso era, e ainda é, uma terra sem Lei. O direito, o do mais forte; se impunha como lei o dinheiro. Nascer, morrer, matar, eram os direitos básicos dos homens".

Começou a missão com a formação de um centro educativo, depois daria início às "campanhas missionárias", cursos de alfabetização, missas semanais. Uma missão popular, onde o povo era evangelizado à luz do Evangelho. Aqui começava a entrega, em serviço total pelos colonos sem terra, acossados pelo latifúndio, e a luta pela integração entre os índios, colonos e peões. Uma luta que desde já desembocava em cruéis consequências, como a perseguição, as torturas e a morte de alguns sacerdotes da equipe missionária pelas mãos dos defensores do mal, do governo e seus mecanismos de repressão.

Em 23/Outubro/1971 é sagrado bispo de São Félix, dentro da máxima simplicidade e dentro de um realismo de compromisso e entrega cheia de valentia. Casaldáliga pronunciou estas palavras: "Sou apóstolo, bispo da Igreja. Devo servir ao povo de Deus com toda liberdade e dedicação". Este é o texto do Convite-lembrança de sua sagração:

*"Tua mitra será um chapéu de palha sertanejo,
o sol e o clarão da lua, a chuva e o sereno,
o olhar dos pobres com quem caminhas
e o olhar glorioso de Cristo, teu Senhor.
Teu báculo será a verdade do Evangelho
e a confiança do teu povo em ti.
Teu anel será a fidelidade à Nova Aliança
do Deus libertador
e a fidelidade ao povo desta terra.
Não terás outros escudos senão a força da esperança
e a liberdade dos filhos de Deus;
nem usarás outras luvas que o serviço do amor".*

Casaldáliga, um profeta do século XX, está disposto a ir até o fim pela defesa de seu povo. Os compromissos evangelizadores da equipe missionária levaram às prisões, torturas e até à morte aqueles que pretendiam ser instrumentos de Deus. São Félix é e será uma Igreja perseguida.



D. Pedro tem sido para o povo de sua diocese, e também para todos os oprimidos pela injustiça, a voz dos sem voz. Dentro e fora do país sua voz anima a esperança da caminhada da Igreja para um mundo mais justo e mais fraterno.

1973 é o marco de gloriosa perseguição... É o mês de junho. “Toda a equipe missionária está reunida em São Félix estudando e programando e, ao final desta reunião, nos chegamos as primeiras notícias. Os militares se repartiram por todos os povoados da Prelazia e acabaram praticamente com tudo: nossas casas foram invadidas e saqueadas, derrubando inclusive portas. Vários agentes de pastoral e pessoas do povo — “os mais amigos dos padres” — foram presos. Foi tal o terror, as ameaças, sofrimentos, que as pessoas demoraram vários meses para retornar à Igreja e às reuniões”.

O bispo, os padres, religiosos e leigos foram presos e levados a Campo Grande, zona militar distante dois mil quilômetros de São Félix; ali estiveram presos vários meses. Pedro foi ameaçado de morte. Sua cabeça foi posta ao preço de mil Cruzeiros e sempre com a ameaça de expulsão do país. Mas tarde, em abril de 1982, alguns assassinos quase acabaram com sua vida lançando-o no rio. “Uma vez mais Pedro perdeu a ocasião de ser mártir”. Nessa ocasião, outro claretiano, Manuel Luzón, esteve à mira do revólver assassi-



Estudo, reflexão e oração fazem parte da rotina cotidiana. Na Palavra de Deus D. Pedro encontra forças para proclamar o projeto maior do Pai: um mundo novo, uma nova ordem social, uma nova estrutura e um novo sistema onde a fraternidade tenha prioridade e todo tipo de exploração e escravidão seja denunciado e condenado.

Pedro Casaldáliga, 59 anos, missionário claretiano, bispo de São Félix do Araguaia, MT, tem sido, não raro, criticado por sua postura profética radical diante das contradições da sociedade e por colocar-se do lado dos pobres.

Seu trabalho missionário se desenvolve já por 19 anos numa região onde se confrontam forças econômicas, políticas e ideológicas, o latifúndio de um lado e do outro milhares de camponeses. Ali, freqüentemente a dignidade e o direito do homem pobre não são respeitados e a terra tem sido o lugar de grandes conflitos e de mártires. Ali a paz se chama justiça.

A missão que D. Pedro se propõe e desenvolve se apóia numa teologia enraizada num lugar específico, num determinado momento histórico. É uma teologia de libertação porque o contexto e o momento é de opressão.

Em recente visita a São Paulo, para participar de um painel de estudos e debates sobre espiritualidade da missão cristã, D. Pedro tem falado da teologia da libertação, dos teólogos que a estudam seriamente, das dificuldades que a cercaram, do parecer do Papa João Paulo II, da práxis das comunidades eclesiais de base, da acusação de ser “marxista” e da atual caminhada dos países da América Central, particularmente a Nicarágua.

A entrevista que se segue e que passamos na íntegra aos leitores da Ave Maria foi gentilmente concedida a José Maria Vigil, missionário claretiano.

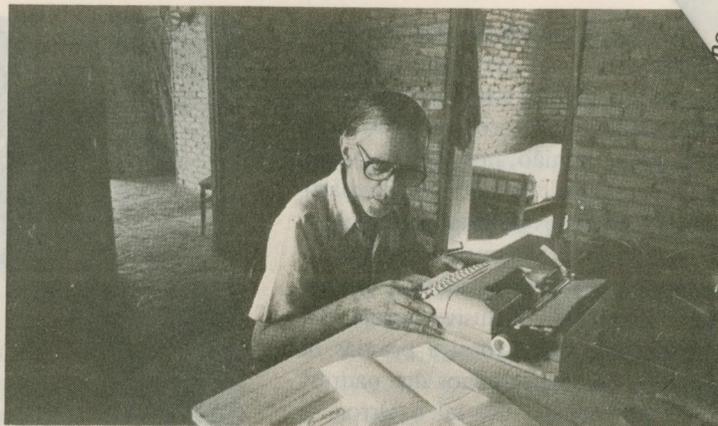
AM — Como está a teologia da libertação (TL) no Brasil, depois do silêncio imposto a frei Leonardo Boff, depois da visita de alguns setores do episcopado brasileiro a Roma e da carta do Papa à conferência episcopal do Brasil?

D. Pedro — Está bem de saúde, graças a Deus. Podemos dizer que se tem superado a etapa mais dura, de conflitos, de incompreensões. A TL tem-se imposto definitivamente. É bom recordar, antes de mais nada, que a teologia da libertação é teologia. Alguns teólogos, mais ou menos conservadores, setores reacionários da Igreja ou de fora da Igreja, estiveram sempre muito interessados em negar o caráter sério, científico, teológico, da TL. Sa-

no. Já caído por terra uma religiosa correu e se interpôs entre o assassino e não o deixou disparar.

Dias depois da repressão 7 de julho de 1973, Pedro Casaldáliga escrevia uma carta ao presidente da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil: "Nesta hora, com mais consciência e vontade, nos comprometemos com o povo oprimido da região — particularmente com os peões, índios e posseiros — por amor ao Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo e em solidariedade com todos os que neste país sofrem perseguição pela justiça: com humilde gratidão para com Jesus Cristo nos declaramos uma IGREJA PERSEGUIDA".

Acusado, ameaçado e apontado como comunista, Pedro sai a defender-se: "Não sou comunista. Simplesmente estou a favor do Evangelho, pelo qual estou arriscando a vida. E estou a favor dos índios, dos posseiros e peões. Também estou muito a favor dos opressores que se converterem, deixarão de oprimir. Acusam-me de ser o responsável pelas mortes de vários missionários, denunciadores valentes das injustiças. Já disse à imprensa e repito que o verdadeiro responsável por todas estas mor-



Em sua mesa de trabalho D. Pedro responde cartas de amigos e companheiros do Brasil e do mundo todo. Escreve suas mensagens e seus poemas cheios de zelo missionário estimulando a todos na luta pela construção do Reino de Deus: justiça, paz, fraternidade.

tes é o próprio Jesus Cristo, por quem também eu gostaria de morrer".

Paulo VI, ante a campanha de difamação e o intento de expulsão contra Pedro, disse: "Tocar em Casaldáliga é tocar no Papa...".

Sobre Pedro Casaldáliga se escreveu muito e se sabe muitas coisas de sua vida e milagres... Ele é, para alguns, profeta, místico, revolucionário; e para outros, é marxista, subversivo, agita-

dor. Que digam e pensem o que quiseram. Ele é, verdadeiramente, o que impulsiona e anima essa Igreja de São Félix: amigo e irmão de todos.

Por alguma razão, 26 bispos, 2 líderes da Igreja evangélica e 200 entidades, o nomearam seu delegado para viajar a Manágua e solidarizar-se com gesto cristão de oração e jejum que Miguel D'Escoto, sacerdote Ministro das Relações Exteriores da Nicarágua, realizou

bemos que toda teologia reflete Deus, sistematiza a fé em Deus. A TL também. Porém, é evidente que toda teologia reflete Deus com pensamento humano, em um determinado lugar, em um determinado tempo, condicionada e possibilitada pois, pela história. A TL nasce e se desenvolve na América Latina. Este lugar de opressão, de dependência, chamado América Latina e neste tempo de esperanças, de processos de libertação do continente. Todos sabemos que a TL por ser cristã, só pode pensar, refletir no Deus de Jesus. O Antigo Testamento e o Novo Testamento da Bíblia lhe dão a base fundamental, são sua raiz. E as condições de — vida ou de morte, de desespero ou de esperança — em que vivem os povos da América Latina, lhe dão o contorno

e o contexto e lhe propõem desafios. Lhe pedem as grandes respostas da vida para as pessoas, para as famílias, para os mesmos povos. A TL pensa, reflete sobre o Deus libertador que arranca seu povo do cativeiro do Egito, que através dos profetas do Antigo Testamento condena toda escravidão, toda exploração, toda dependência do homem ao homem. Através de Jesus Cristo, Filho de Deus feito pobre e solidário com os pobres, profeta denunciador da opressão da própria religião do templo de Israel, denunciador dos grandes poderosos e proprietários de sua pátria, denunciador do império de Roma, leva até a morte e morte de cruz uma mensagem, uma prática, uma esperança de libertação total, sem dicotomias, na terra e no céu, para hoje e para

amanhã, para as pessoas e para os povos.

AM — É interessante o tema que nos está esplanando sobre a TL. Esta se enraíza na Bíblia, na experiência libertadora do Deus de Israel, no Deus de Jesus e no aproximar-se dos pobres. Contudo se têm feito algumas críticas e têm acontecido alguns conflitos em torno a TL por acercar-se dos pobres, por acercar-se a novos modos, a novas análises da realidade. Desde esta perspectiva tem sido acusada de ser uma teologia marcada pelo marxismo. O que nos poderia dizer sobre este ponto?

D. Pedro — É evidente que o pensamento humano tem suas mediações.

nos meses de julho e agosto do ano 1985. “Eu mesmo estou surpreso de me encontrar em Nicarágua. Sabes que não saí nunca do Brasil e não pensava sair. Brincando digo que alguém me pegou pelos cabelos como a Habacuc...”. Assim falava naquela ocasião a seu irmão claretiano Teófilo Cabestrero. E acrescentava: “Teófilo, estou chegando a Nicarágua. Este é um tempo forte e de graça para mim. Um desafio eclesial, um compromisso latino-americano e um chamado profundo à conversão. Sei que minha presença aqui é conflitiva. O amor à Igreja costuma colocar a gente em conflitos. Quero ajudar a Igreja centro-americana. Não venho dar nenhuma lição a ninguém. Eu te asseguro que quem está recebendo lição sou eu. Depois de estar em Nicarágua tem-se que mudar. Pede a teus leitores que rezem muito. Abramo-nos ao vento do Espírito”.

Quem conhece ou trata com Casaldáliga sabe que vive cheio de paz e dessa esperança feita de fé e amor à Igreja que desmonta conflitos. Ele diz: “Devemos ter visão de futuro. O amanhã explicará o hoje”.

Traduziu: Mauro Zequin Custódio, cmf



O espírito missionário de D. Pedro o torna solidário com os pobres e empobrecidos, acompanha os passos, lutas e esperanças deles. Entre o povo de S. Félix do Araguaia, o bispo é simplesmente chamado de Pedro.

REFLEXÃO EM GRUPO:

a) Ler Amós 7,10-12

b) Por que os profetas sempre são acusados de estarem se metendo em política?

c) Lembre-se de Casaldáliga e analise as causas de sua perseguição e atentados.

d) Você conhece pessoas perseguidas pela justiça? Por que razões as perseguem?

Uma ciência, ainda que seja a “ciência de Deus” como é a teologia tem de usar também mediações científicas. Duas grandes mediações, poderíamos dizer, possibilitam a TL: a mediação primeira da própria fé, dom de Deus, a fé cristã e, em segundo lugar, a análise da realidade das pessoas e dos povos. Hoje, na América Latina, no mundo inteiro, a análise marxista é, inegavelmente, um instrumento, válido em grande parte, indispensável, em grande parte, incorporado em grande parte a qualquer pensamento que queira analisar sistematicamente a realidade social, sobretudo em um continente onde a escravidão, a miséria e a dependência clamam ao céu. Essa acusação de “marxista” que se vem fazendo à TL, tem provocado sim, à teologia, aos seus teólogos, às

suas igrejas, às suas comunidades de base, que se utilizam dela para sua vida, para sua pastoral, muitos desgostos, particular e concretamente no Brasil. Dois grandes teólogos na América Latina têm sido marcados por este conflito: Gustavo Gutierrez — algo assim como o pai e primeiro sistematizador da TL — no Peru. E Leonardo Boff no Brasil. Graças a Deus, esse primeiro momento, inclusive dramático, de suspeitas, de acusações, de proibições ficou para trás. Todos sabem que Leonardo Boff foi reduzido ao silêncio durante um ano, suscitando protestos no Brasil e no mundo inteiro, porque muitos acreditam que não era nem um gesto humano nem um testemunho cristão reduzir ao silêncio a quem pensa, a quem tenta dizer a verdade, a quem tra-

ta de responder às necessidades e às aspirações de seu próprio povo, do homem de hoje na América Latina a partir da mesma fé cristã. Agora já o céu clareou. Em primeiro lugar porque o Vaticano tem apresentado dois documentos sobre a TL. O primeiro bastante negativo o qual mereceu uma correção bastante explícita do próprio Papa João Paulo II. Os cinco títulos iniciais desse primeiro documento sobre a TL foram acrescentados por vontade explícita do Papa e são os únicos textos positivos desse documento. Em seguida apareceu um segundo documento já muito mais positivo, que abertamente aceita como válida, como indispensável, a TL, como “oportuna”, sobre tudo para os povos que vivem em dependência. Nós acreditamos que a TL é vá-

lida, oportuna, necessária... para qualquer pessoa, para qualquer povo. Em todo coração humano, em todo processo histórico, há e haverá, até a plenitude da liberdade, dependências, escravidões. Leonardo Boff foi liberado do seu silêncio e o Papa João Paulo II enviou uma carta histórica aos bispos do Brasil, à nossa Conferência Geral. Nela o Papa diz literalmente que a TL não é somente oportuna mas também útil e necessária. Hoje, nenhum católico que queira viver em comunhão com o mesmo pensar, com o ditame do próprio papa pode negar cidadania plena à TL.

AM — Que relação há entre a TL e a experiência anterior que é a pastoral das comunidades eclesiais de base, o surgimento de todo este movimento de Igreja, desse “novo modo de ser Igreja” como se diz no Brasil?

D. Pedro — Digo com frequência que a TL não nasceu da cabeça pensante dos teólogos, mas sim dos pés caminhantes do povo. A experiência de cativo, a vontade de libertação, a prática da esperança, as várias práticas libertadoras das comunidades cristãs, dos povos em geral da América Latina, provocaram os teólogos no sentido de pensar de um modo sistemático a TL. Antes da TL houve uma pedagogia da libertação e houve uma pastoral da libertação em muitas igrejas do continente e houve uma práxis social de organização do povo, de tentativas de libertação. As comunidades eclesiais de base significam, hoje, o ponto alto do novo modo de ser Igreja. Diríamos que é o modo autêntico de ser Igreja. Sabemos que a Igreja é a comunidade dos seguidores de Jesus em espírito de fraternidade. Sua lei, sua constituição fundamental é o mandamento do amor: “amem-se uns aos outros como eu os tenho amado”, “não chamem a ninguém de ‘senhor’, ‘mestre’, ‘pai’, porque vocês só têm um pai, que está no céu e só têm um mestre que sou eu”, nos diz Cristo. Essa fraternidade comunitária há de ser

necessariamente a característica da Igreja, em suas leis, em seus sacramentos, em sua autoridade. E as comunidades eclesiais de base, a partir do próprio povo que as forma, vêm exigindo providencial intervenção do Espírito de Deus na Igreja de Jesus, que seja de verdade comunitária. “Um novo modo de ser Igreja”, dizemos nós, para que cada vez mais se configure de um novo modo: mais comunitária, mais evangélica, mais fraterna, mais próxima do verdadeiro Deus de Jesus, que é o Deus da Vida, da Paz, da Libertação total. Mais próxima ao povo de Deus, que é fundamentalmente o povo dos pequenos, o povo dos pobres.

AM — Após ter visitado e compartilhado com o povo de Nicarágua e após ter visto de perto a realidade centroamericana, como o senhor vê os desafios que essa realidade apresenta não só à TL mas também a todo esse movimento da Igreja dos pobres da AL, às comunidades eclesiais de base, aos agentes de pastoral que sintonizam com todo esse processo de renovação da realidade da América Central? Realidade esta, em parte, marcada pela esperança da revolução sandinista nicaraguense, e, em parte, marcada pela guerra, pelo sofrimento, pela luta desses povos até alcançar uma sociedade nova, mais justa?

D. Pedro — Vejo Nicarágua, vejo a



D. Pedro com um índio Bororo por ocasião da inauguração da igreja do Pe. João Bosco Burnier em 12/10/77, em Ribeirão Bonito, MT.

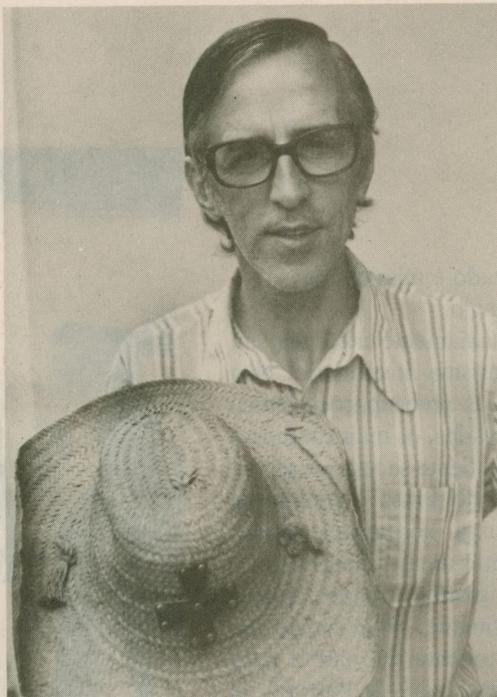
América Central como um lugar crucial onde, a presença de Deus libertador, a dominação, a dependência dos povos, de uns povos pequenos secularmente dominados, e a vontade de autonomia, de independência, de identidade desses mesmos povos, se conjugam num desafio, num drama, numa esperança únicos. Creio que hoje, muito concretamente Nicarágua, pelo avanço de seu processo e toda a América Central em geral, é o lugar mais importante do mundo para que se possa viver à luz da fé no Deus de Jesus Cristo um processo integralmente libertador, uma revolução que seja verdadeiramente autóctone, que responda à cultura, às necessidades de um povo, de alguns povos concretos, e que simultaneamente caminhe iluminada, criticada, potenciada pela mesma fé cristã nesse Deus Pai de Jesus, nosso Deus e nosso Pai. Penso que a Igreja na América Central, na Nicarágua, só pode responder com gratidão a esse mesmo Deus que lhe proporciona um espaço de profecia, de testemunho, e certamente também de martírio. E a Igreja do mundo inteiro, a Igreja católica, as igrejas cristãs, como todas as pessoas e organismos, toda a humanidade capaz de desejar a libertação, o respeito mútuo, a autonomia, a justiça e a paz para os povos, não podem senão apoiar com uma solidariedade lúcida, concretamente, permanente, intensiva, este processo de libertação que Nicarágua vive, que está começando a viver e que toda a América Central apaixonadamente necessita. ●

MITRA DE PALHA

Pedro Tomaz Pereira

*Está no pólo, está no posto
a contragosto de muita gente
está em tempo, sentado em frente,
está em fase de cadastramento,
está falando ou está calado,
está na mira do projétil armado,
coleta títulos, analisa o fato,
está na hora, no momento exato.
São homens e mulheres que vêm de longe, da roça do ermo
atender ao órgão, assinar o termo
da terra, do lucro, do jogo,
do plantio, da certeza e do logro
revisam tímidos, a luta, a vida, a trapaça,
o suor, a ruga teimosa que o tempo traça,
o cansaço do plantio, o sabor da colheita.
Outros homens chegam, almofadinhas, engravatados,
pasta na mão, papéis forjados, plano desonesto,
vão se aproximando — que contraste,
mãos calejadas, unhas encardidas,
mãos aveludadas, traiçoeiras e polidas.
Está no posto, está sentado em frente
apacando a dor, a ira, o ódio de muita gente,
briga de herdeiros, gananciosos em guerrilha,
luta psicológica, em tempo de partilha.*

*O riso maroto do rato grileiro,
serpente sempre pronta para o bote
deixando analfabetos sem teto, sem lote.
Na corrida louca, na loucura imobiliária,
posseiros, herdeiros, grileiros na luta à mão armada,
a febre do ouro, a posse do chão, a todos contagia,
a terra é pisoteada, violentada, trapaceada,
famílias são expulsas, emigram em agonia.
Eis o circo, a lona está armada,
picadeiro, de gente falsa trapaceira, desalmada
que rouba, engana, falsifica, por trás do pano
ampliam seus bens, em curto prazo, em um só ano.
São desgraçados os pobres, as vítimas do vilão,
tristes criaturas, sem casa, sem terra, sem pão.
Tempo de loucura, besta do apocalipse.
Homem do “direito”, sem direito a nada, teima, persiste.
O livro, a lei, a poderosa mão
a hipocrisia, a altivez em retroação.
Prepotentes cavaleiros com as rédeas do poder,
mil propriedades, ampliam, aumentam escandalosamente
os bens
e vão lentamente esvaziando, atrofiando a alma, o SER.
O clamor dolorido de um povo sofrido alcança o céu.
CASALDÁLIGA, missionário viril, intrépido se levanta
e o grande brado de justiça explode da garganta.*



A mitra, um chapéu de palha com cruz de couro... “A Igreja, diz D. Pedro, é a comunidade dos seguidores de Jesus em espírito de fraternidade”.

*Balança o falho alicerce e do rosto mentiroso tira o véu.
O Bispo, a missão, o índio, o sertanejo, a mitra de palha,
voz corajosa que grita, a muitos incomoda e atrapalha.
Os anéis de bispo? São os calos do dedo puro, em riste.
Missionário autêntico que, pela verdade, briga e insiste.
Um tiro destinado a calar a voz altaneira
acerta em cheio. Bosco padre, na dianteira.
O sangue jorra do inocente em hora abrupta
denunciando alto, o poder econômico, a mão corrupta.
Acabrunhada em noite escura, se fecha a natureza.
Céu sem estrelas, chora em chuva, prantos de tristeza.
Rostos calados revoltam-se com a matança
mas, mesmo assim espíritos fortes, não perdem a esperança.
A terra torturada, ensanguentada, violentada,
cáos de perseguições, opressão e dores
vinga-se de todos,
faz-se primavera
desabrochando em flores.*

Em homenagem a Dom Pedro Casaldáliga Bispo da Prelazia de São Félix do Araguaia (MT) após ter lido o livro de sua autoria “CREIO NA JUSTIÇA E NA ESPERANÇA” Editora Civilização Brasileira.

A dimensão Missionária da Vocação Cristã

Todo batizado é missionário.

Missão é envio.

A família sadiamente cristã tem em si o dom, o carisma missionário. Não se fecha em suas preocupações, busca os mais necessitados, os mais carentes e marginalizados. Sente-se feliz em servir.

A Pastoral do Brasil é carente de padres. Há uma necessidade muito grande em muitas áreas. Tanto no interior como nas grandes cidades, a periferia é mais atingida. Hoje seriam necessários mais oitenta mil padres para atender as necessidades da Pastoral da Igreja do Brasil.

Poucos jovens sentem entusiasmo para a vida sacerdotal. Os apelos do mundo são fortes demais. A figura do padre e da religiosa são constantemente ridicularizados pelos meios de comunicação, principalmente a TV e o Cinema. O jovem detesta o jocoso, o ridículo; é levado a viver os padrões impostos pela sociedade de consumo; passa a ser o retrato vivo dos padrões determinados pela moda, porque os veículos de comunicação de massa estabelecem que assim seja; passa a ser vítima de um sistema cruel que o desestrutura na família e na sociedade em seus valores mais íntimos. Já não decide por si, decidem por ele. Fica alienado.

Para neutralizar os efeitos deste sistema, é necessária uma ação conjunta: família e comunidades interessadas nos valores morais, sociais espirituais e humanos.

As áreas mais pobres são mais atingidas pela alienação: são vítimas fáceis. É aí que se torna indispensável uma ação conscientizadora e libertadora.

A libertação consciente só acontece



quando brota da participação organizada de todos.

Quando as pessoas se reúnem, descobrem o que cada uma tem em comum. Descobrem as necessidades e a força da união.

Cada pessoa é importante porque descobre que todas são diferentes, mas com idéias comuns, e com direitos iguais.

Ao tomar conhecimento de seus direitos, perseguem-nos até conseguí-los, mesmo que isso lhes custe a vida. Entre desventuras e conquistas o povo organizado vai celebrando a vida.

Um dia o Sr. João lamenta no grupo que sente a falta de uma igreja, da visita do padre como acontecia no interior. E o Sr. João percebe que é o sentimento de todos. O assunto é discutido e levado ao bispo. O bispo explica que há falta de padre, mas pode conseguir um para visitar o grupo uma vez por mês.

O bispo orienta o grupo para que escolham um animador e, na ausência do padre, o animador preside a celebração Eucarística.

O grupo volta animado e busca na Bíblia como eram as comunidades antigas no início da Igreja.

São Paulo diz que as comunidades escolhiam seus presbíteros. Eles entendem que o presbítero é o escolhido pela comunidade como um exemplo, coerente. O mais experimentado, o mais perfeito, o mais notável, mais ilustre, eminente, o mais sério, o mais respeitável.

Assim surge uma comunidade, que busca viver sua fé no dia-a-dia, com um dos seus, presidindo a celebração da vida.

Todas as vezes que surge qualquer problema, a comunidade se reúne com seu animador e, juntos, procuram as soluções. O Padre visita o grupo todos os meses, para o fortalecer e para apoiar o trabalho do animador.

No mês de outubro a comunidade toma conhecimento de que existem muitas regiões do Brasil onde o padre chega de 6 em 6 meses com muita dificuldade.

O grupo de jovens propõe que se faça uma reflexão sobre o tema missionário.

O grupo reunido, com a presença de muitos da comunidade, começa a preocupar-se com a MISSÃO.

Não foi fácil descobrir que MISSÃO é o que o PAI fez: enviou seu Filho Jesus para salvar o mundo. Missão é mandar, enviar, é um serviço, uma tarefa a ser cumprida, algo especial para ser feito.